

O.P. Alfonso Nacher em 1956. Arquivo da Missão de Fatumaca.

OLEU PITINE

—
Efrén Legaspi Bouza¹

«Ecco la storia di un salesiano nato il 24 maggio, atleta fuori gara che cominciò gli allenamenti a sei anni, confessore di un ragazzo diventato re, missionario che non riusciva a partire, 76enne che continua a fare progetti. E quel che è peggio, li realizza...» (Bianco, 1981)

INTRODUÇÃO

Apresentamos nas páginas que seguem uma breve biografia do Padre (P.) Salesiano Alfonso María Nácher Lluesa.² Tal como qualquer biografia, esta especialmente, é um relato incompleto. A natureza da obra em que se apresenta este trabalho, a reedição do léxico Fataluku-Tétum-Makasae-Português elaborado pelo P. Nácher e editado pelo Professor Geoffrey Hull em 2003, convidam a apresentar um texto centrado no trabalho de sacerdote espanhol como missionário Salesiano em Timor-Leste, desde a sua chegada no ano de 1955 até à sua morte em 1999.

Durante o processo de documentação e redacção, o que no início se apresentava como um texto introdutório de ampliação das notas biográficas já publicadas por Geoffrey Hull na sua reedição do léxico do padre Nácher (Nácher, 2003, 2004), foi derivando num texto em que cabem apontamentos sobre os diferentes processos históricos que foram vividos em Timor durante os anos de estadia do religioso espanhol, envolvimento no processo de cristianização da ex-colónia portuguesa, notas sobre o processo de elaboração do dicionário que este artigo precede ou a sua relação com um ou outro actor que passaria a entrar na categoria de ‘histórico’.

1. Este trabalho foi efectuado no âmbito do contrato com o Instituto Nacional da Juventude (Injuve) do Governo da Espanha, entre os meses de Outubro de 2011 e Junho de 2012, e com destino na Agência Técnica de Cooperação que a Agência Espanhola de Cooperação para o Desenvolvimento (AECID) mantém em Timor-Leste. **2.** Agradecemos a colaboração do Padre João Paulino Aparício, Superior Salesiano da Província da Indonésia e Timor-Leste, do Padre Virgílio do Carmo, actual Director da Missão de Fatumaca, do P. Eligio Locatelli, P. João de Deus, Diácono Baltasar Pires, P. Joseph Vattampari, P. Andrew Wong, Gil da Cruz, Felipe García, Justino Valentin e Patricio Cabral. Agradecemos especialmente o trabalho de Atanasio Xavier, intérprete, ajudante de campo e colega de trabalho. Agradeço a ajuda inestimável de Alberto Fidalgo, sem a qual este texto não teria sido escrito.

Tal como se poderá imaginar, o resultado não aprofunda academicamente nenhum dos aspectos mencionados. Trata-se pelo contrário de uma polifonia resultante do contacto com as pegadas que o seu protagonista deixou em Timor-Leste. Uma modesta intra-história em que começamos por revelar as nossas fontes.

SOBRE AS NOSSAS FONTES

Muitos dos documentos que teriam ajudado a cobrir as lacunas que este texto apresenta possivelmente nunca sejam recuperados, pelo facto de terem desaparecido durante os últimos cinquenta anos da ‘incendiada’ história em Timor. Por outro lado, as limitações logísticas e temporárias não nos permitiram a consulta dos arquivos das províncias salesianas na Espanha e em Portugal a que o Padre Nácher esteve adscrito no desempenho do seu trabalho antes da vida missionária.

As principais fontes documentais que utilizámos provêm dos arquivos conservados pela ordem salesiana em Timor-Leste. De entre elas destacam-se as crónicas das missões de Fuiloro e Fatumaca.

As Crónicas das Casas Salesianas e das suas missões são documentos que respondem ao imperativo expresso no artigo 170 dos regulamentos salesianos, em que se alude à responsabilidade do director: «Tenha ou mande ter em dia a Crónica da Casa, onde se devem registar primeiramente as notícias sobre sua natureza e escopo e depois todos os acontecimentos de alguma importância com as respectivas datas». As indicações para o desenvolvimento da Crónica incluem, entre outras, «fixar nas páginas da mesma Crónica as fotografias, programas, recortes de jornais ou revistas, telegramas e outros documentos que se relacionem com a vida do Instituto», assim como efectuar o armazenamento de estatísticas relacionadas com a tarefa evangelizadora.

A Crónica da Missão de Fuiloro a que tivemos acesso abrange desde o dia um de Novembro de 1968 até Março de 1974, embora Nácher só tenha exercido como Director e cronista da casa a partir de Setembro de 1971 —substituindo o Padre Manuel Carvalho de Magalhães que, após ter sido director durante o período 1967-71, passou a residir na povoação de Baucau como Delegado

do Provincial salesiano³ —e fins de Fevereiro de 1972— data em que Nácher partiu para a Missão de Fatumaca, distrito de Baucau, e foi substituído pelo Pe Bernardo Soares⁴. Tendo em conta a indisponibilidade das crónicas prévias que devem ter sido escritas a partir de 1955, data em que o P. Nácher se encarregou da Missão de Fuiloro, os meses em que exerceu como cronista são o único documento escrito pelo seu punho e letra a que tivemos acesso referido ao lugar em que trabalhou de forma quase ininterrupta durante os primeiros 12 anos da sua vida em Timor-Leste.

Pela sua parte, a Crónica de Fatumaca que se conserva, ou pelo menos a que pudemos consultar em referência ao período em que Nácher exerceu aí o seu trabalho, abrange desde a nomeação de sacerdote espanhol como Director em Agosto de 1973, até à última anotação de 4 de Setembro de 1975. Apesar de ter continuado como Director de Fatumaca entre os anos 1979-83, e de em 1983 ter sido novamente nomeado Director para um triénio, cargo renovado por mais três anos em 1986, não pudemos dispor das crónicas que ele deve ter escrito durante esse período —possivelmente perdidas no incêndio dos arquivos da diocese de Díli em 1999.

Se a Crónica de Fuiloro proporciona um conteúdo rico em aspectos da vida quotidiana da Missão, deixando ver algumas das qualidades pessoais do seu autor, a Crónica de Fatumaca permite-nos seguir, através das anotações diárias do Padre Nácher, o desenvolvimento dos acontecimentos que foram vividos a partir da missão durante um período crucial para a história recente de Timor-Leste. O período que abrange a Crónica contempla o processo de alterações políticas que Portugal viveu a partir de 25 de Abril de 1974 e que teriam profundas consequências no território ultramarino. À medida que a situação política mudava, a crónica passou de um diário das actividades quotidianas

3. Ao Padre Magalhães dedica Nácher a sua primeira entrada da Crónica no mês de Setembro de 1971: «O que foi Director é nomeado Delegado do Provincial, e passou a residir em Baucau. O seu trabalho foi muito louvado pelos da casa e pelos de fora: espírito alegre, bondoso, desejoso de que reinasse a paz e o bem-estar, conseguiu a harmonia em tudo. Os campos continuaram em franco desenvolvimento, a pecuária deu um grande impulso, dando bons lucros ao Colégio; a alimentação melhorou, tendo carne diária, os internos (...) Não houve pormenor que não fosse atendido e melhorado. Contribuíram para isso os Irmãos de Fuiloro, Kussy e Ribeiro. O P. Manuel Marques de Carvalho Magalhães deixa a melhor parte da sua vida em Fuiloro e os salesianos, alunos e cristãos ficam-lhe muito obrigados.» **4.** Ao Padre Alfonso dedica Bernardo Soares a sua primeira entrada como cronista, em 24 de Fevereiro de 1972: «Efectivamente três dias após a chegada do P. Bernardo partiu para Baucau o Rev. P. Afonso Nácher. Sua reverência já é conhecido de todos como o grande amigo destas paragens. Fuiloro fica a dever-lhe muito. O seu tino de mentor da comunidade fez com que empreendesse obras de envergadura, não receando a escassez de dinheiro nem as outras circunstâncias muito adversas. Fuiloro fica com a certeza de que o Rev. P. Afonso continua ligado a esta sua casa, mesmo se agora vai repousar num ambiente mais pacífico e acolhedor.»

Geopreiro

1936

1. Segundo dia do Tríduo - S. João porcos. Acima às 11:30; falas ao Evangelho e Sr. Carlos Grauba sobre a infância de Santo Antônio, para os sarauas primários.
2. À meia-noite 11:30 foi rezado pelo P. Director. Consideramos a festa para os externos. Receberam soupos, abundantes, vindos de Barcelos. Não sendo possível no dia da festa foram



Jantar junto dos externos

mais esperam, também. Dormiram, com edredões e alguns em colchete, não todos, no chão. O cansaço não deixou sentir a duração de uma linda

velada - não. Também a propósito, por isso, Guilhem e o irmão Chico. João Fruteiro não vieram preparando festa com um biscoito. Falta a luz, a luz do Orgânico do dia da festa. São Jo. Pires.



Festa a noite; aspecto do salão

Fevereiro 1974

48 de Fátima, 50 externos e 110 internos, reunidos na Igreja e no salão

de fim. Para
satisfação a
fatos, reuniões
reuniram-se
e cumpriram, ja
vários de Fátima
em ordem de
e muito pouco
no Norte de Fátima

3 Festa de Fátima



dia
3
/2
74

FEITA
11/2

Os A.A. de Fátima, com Superiores e alunos, confraternizam.

se, já de modo
gada tiveram com presença. O Sr. Frmas, seu assistente, trouxe o não
se para festa, mas para o TIRSO.eram 60 jovens com ânimo de reunião.

Depois de pequeno almoço houve outra reunião, com
participação dos nossos alunos finalistas. Muito se falou
da vida que
os A.A. de Fátima
lhos manifestar
taram.

Para poder
concluir
a todos, nada
para o exte
us, neste dia
os hóspedes e
internos com
os externos do
seminário,
abaleu-se uma

Refeição na Festa de S. J. Bosco



A comida boa, o apetite melhor: São savidos?

vaca e o berrão, já unido e ceiado de maneira.
Antes desta confraternização houve o des
fis desportivos, de cuja actividade faz a reportagem
gratifica das passadas reuniões.

O mais solene e importante foi a Missa, concluída.

de uma instituição missionária, ao registo da urgência e da angústia próprias dos membros de uma comunidade de religiosos que viam como a violência que rodeava a comunidade adquiria novas e terríveis formas.

Nas páginas dos dois documentos fica patente, sobretudo ao compará-las com os períodos escritos por outros Padres, o gosto de Alfonso Nácher pela concepção e pela fotografia —a sua mão adivinha-se por detrás da maioria das imagens que ilustram as crónicas—, a sua predilecção pela escrita —que o levaria a impulsionar em 1974 o nascimento dos *Ecos do Planalto*, órgão de expressão do Colégio de Fatumaca, e a colaborar com as publicações do Boletim Salesiano -, a sua minuciosidade quando se tratava de registar os factos —as suas entradas diárias são distintamente mais frequentes e extensas do que as dos seus outros directores—, o afecto pelos seus colegas e pelos estudantes, a sua minuciosidade ao tratar de estatísticas e orçamentos ou um ou outro apontamento sobre as suas concepções pedagógicas. São escritos que facilitam enormemente a tarefa de quem se quiser aproximar tanto da sua figura como do trabalho da sua ordem em Timor.

Para agilizar a leitura, de agora em diante citaremos os extractos destas duas Crónicas como CdFL para Fuiloro e CdFC para Fatumaca. Juntar-se-á a data em que aparece registada a consulta ou a fotografia na respectiva Crónica.

Além da CdFL e da CdFC, utilizámos uma grande variedade de fontes documentais não publicadas, todas elas provenientes dos arquivos da ordem salesiana em Timor, quer no seu centro de Comoro - Dili -, quer em Fatumaca. Incluem a nota biográfica escrita por Fr. Ramoncito A. Padilla, SDB., reitor de Dom Bosco-Fatumaca em 1999, aquando da morte do P. Alfonso, as diversas cartas de nomeação de Nácher para Director da Missão assim como de outros cargos, epistolário, a sua ficha pessoal nos livros da ordem, um breve documento autobiográfico redigido pelo próprio Padre, a Crónica da Missão de Santa Teresinha de Ossu, etc.

Quanto às fontes orais, correspondem a entrevistas efectuadas na zona da Missão Fuiloro - Distrito Lautem —e da Missão de Fatumaca— Distrito Baucau. Todas elas foram efectuadas durante o mês de Abril de 2012.

Com base nestes materiais e na bibliografia referida, escreveram-se as páginas que seguem tentando-se, sempre que foi possível, e apesar do risco de se abusar das citações textuais, dar directamente a voz a Alfonso Nácher através dos seus documentos ou do seu testemunho recolhido por terceiros.

1905-1945. NASCIMENTO E FORMAÇÃO DE UM SALESIANO ESPANHOL

Alfonso María Nácher Lluesa nasceu em 24 de Maio de 1905 em Ruzafa, naquela altura um bairro dos arredores da cidade de Valência. Filho de Francisco Nácher y Nácher e de Carmen Lluesa y Tomás, o casal teve um total de dez filhos, de entre os quais três homens acabariam por se converter em sacerdotes salesianos: Enrique, Ricardo —que exerceria o cargo de secretário pessoal do Arcebispo salesiano Marcelino Olaechea⁵—, e o próprio Alfonso.

A data de 24 de Maio, dia dedicado à Virgem Maria Auxiliadora no calendário cristão, teria uma grande importância simbólica ao longo da vida de Alfonso. Se a ordem salesiana tem desde o próprio momento da sua fundação por D. Bosco uma relação especialmente estreita com a invocação da Virgem Auxiliadora —basta lembrar que a sua ordem feminina adoptou precisamente o nome de ‘Filhas de Maria Auxiliadora—, Nácher transferiria este simbolismo institucional para o plano pessoal, coincidindo, ou fazendo coincidir muitos dos principais ritos da sua vida como religioso com essa data. Neste sentido, Enzo Bianco deixou patente no perfil que escreveu sobre o padre espanhol em 1981 o simbolismo deste dia ao longo da sua vida:

«Em 24 de Maio. Alfonso nasceu em 1905, exactamente em 24 de Maio. Em 1914 fez a sua primeira comunhão, e era novamente 24 de Maio, no altar de Maria Auxiliadora. Sinal evidente de que... se devia tornar salesiano. Foi ordenado sacerdote em 21 de Maio de 1932, mas não recebeu a comunhão durante dois dias, como sempre fazia, porque queria rezar a sua primeira missa em 24 de Maio». (Bianco, 1981)

5. Marcelino Olaechea Loizaga (Baracaldo, 9 de Janeiro de 1888 - Valência, 21 de Outubro de 1972) foi bispo de Pamplona (1935-1946) e mais tarde arcebispo de Valência até à sua retirada em 1966.

O Padre João de Deus, companheiro de missão em Timor-Leste, refere-se à relação de Nácher com o dia do seu nascimento com estas palavras: «Ele era devoto do 24 de Maio. Toda a sua vida era orientada e organizada à volta do dia 24 de Maio. Morreu apenas alguns dias antes do dia 24, mas foi em Maio.»⁶

Alfonso começou a frequentar a escola salesiana da Calle Sagunto em 1911, com seis anos de idade.

«A escola estava na cidade, a nove quilómetros de distância. Naquele longínquo 1911 era necessário ir a pé. Ele e quatro irmãos, duas horas de ida e duas horas de volta. O tempo que restava para estudar era pouco... Foi então —diz o padre Nácher— que preparei umas robustas pernas para as viagens que como missionário me esperavam no futuro». (Bianco, 1981)

Em 1917, imediatamente após a conclusão dos seus estudos primários e com doze anos de idade, entrou no Aspirantado de Campello (Alicante), instituição em que continuaria a sua formação até 1921.

Em vinte e cinco de Julho de 1921 transferiu-se para Carabanchel (Madrid) para iniciar o seu noviciado. Permaneceria um ano, até ao dia vinte e cinco de Julho de 1922, data em que fez a sua primeira profissão. No seu caminho preparatório para o sacerdócio estudou filosofia em Sarriá (Barcelona) desde 1922 até 1924.

Entre 1924 e 1927 Alfonso María residiu em Mataró, desenvolvendo o seu primeiro triénio de carreira salesiana. Aí efectuou os seus votos de profissão perpétua em 25 de Dezembro de 1927. Referindo-se a este rito, Nácher apontaria com o seu punho e letra, em forma de comentário na sua ficha pessoal da missão de Fatumaca: «perante o inspector mártir José Calasanz.»

Nos seus apontamentos biográficos Nácher relatou como Calasanz lhe pediu para prolongar por mais um ano o seu triénio em Mataró, até 1928, para depois lhe pedir que estudasse aí teologia, estudos que concluiu, conciliando-os com a docência de bacharéis.

Entre 21 de Março e 21 de Junho do ano de 1931 exerceu como Subdiácono em Barcelona, data em que passou a Diácono. Até Maio do ano de 1932 continuou a exercer esta função sob a direcção do P. Miralles. Referindo-se a este sacerdote, e tal como já tinha feito com o P. José Calasanz, Nácher apontou na sua Ficha Pessoal de Fatumaca: *'mártir em 1936'*

Depois de ter concluído a sua formação, foi ordenado sacerdote em Gerona no dia 21 de Maio de 1932. Nácher deixaria escrito nos seus apontamentos: «Não rezei missa nem em 22 nem em 23 de Maio para ser ‘a minha’ primeira missa em 24 de Maio». Para esta primeira celebração da eucaristia transferiu-se para Valência, a sua cidade natal.

O seu primeiro destino como sacerdote seria Mataró, onde exerceu como catequista e professor. Aí viveria a experiência da Guerra Civil espanhola entre 1936 e 1939. Permaneceria com as mesmas funções até 1941.

A experiência da perseguição e assassinatos de religiosos durante o conflito bélico deixaria uma profunda pegada no P. Nácher⁷. Tal como referíamos algumas linhas acima, quase quatro décadas depois da contenda, e já em Timor-Leste, Nácher preocupou-se em completar pelo seu punho e letra a ficha sobre a sua pessoa no arquivo de Fatumaca com as referências aos assassinatos dos que tinham sido seus superiores, o P. Mirallés e o P. Calasanz.

Dois anos depois de terminada a contenda, transferiu-se para Saragoça para estudar Física e Química na sua universidade durante o curso de 1941-42. Após este primeiro curso regressou a Valência para prosseguir a sua carreira. Na que foi a sua cidade natal, estudou até ao quarto ano. Em 1945 abandonou a Espanha. Os seus superiores enviaram-no para Portugal como Mestre de Noviços em Mogofores.

A METRÓPOLE. FORMADOR DE MISSIONÁRIOS E CONFESSOR DA FAMÍLIA REAL

No Noviciado de Mogofores —distrito de Aveiro— formava-se uma boa parte dos salesianos portugueses que partiam como missionários para os territórios das colónias. Seria esse o destino do P. Nácher durante sete anos, entre 1946 e 1952. Enzo Bianco refere-se a este cargo de formador de missionários como uma «ironia do destino». Baseando-se no testemunho do próprio P. Alfonso e procurando as raízes na mais tenra infância, fala-nos da sua vocação, naquele momento ainda frustrada:

6. Entrevista ao P. João de Deus. Lospalos, 14 de Abril de 2012. **7.** Em carta remetida pelo P. António Gonçalves aquando do falecimento de Nácher em 1999, conservada no arquivo da missão de Fatumaca, aparece novamente a lembrança do mártirio: «Um dia fui aflito ter com ele, para lhe expor a seguinte preocupação, quando ele nos falava dos mártires: Eu teria receio de dar a vida. Ele tranquilizou-me dizendo: Nesses momentos, o Espírito Santo dá forças especiais.»

«Perto da casa da sua infância, em Valência, vivia a família de um missionário salesiano no Equador, apóstolo dos índios jíbaros, figura sugestiva. Sentia curiosidade até mesmo pelo seu nome, Pla Tomás que, se for lido tal como se pronuncia, quer dizer mais um prato, o da comida dos domingos. De forma que tinha algo de festivo.

(...) Sob o exemplo do padre Pla queria ser missionário, enviou o seu pedido ao Reitor-Mor, renovando-o inúmeras vezes, mas tinha que se conformar em ver os outros partir. Finalmente, terminada a guerra civil e frequentada a universidade, aos quarenta anos mandaram-no... para Portugal.

Era mestre de noviços. Por ironia do destino incumbia-lhe preparar os jovens afortunados que partiam para as missões antes dele. Durante sete anos, esta ironia do destino.» (Bianco, 1981)

Nácher acabaria por ver cumprida a sua vocação, mas antes disso esperava-o o seu último destino na península: a Escola de Santo António no Estoril. Durante os cursos escolares 1952-53 e 53-54 exerceu como Director desta instituição.



1

2

1. Antes da partida. O P. Nácher —segundo a contar da direita— no noviciado de Mogofores. 16/08/1954. Arquivo salesiano de Comoro.

2. O Jeep apresentado pela Família Real espanhola. CdFL. Fevereiro de 1971.

Na vila do Estoril, próxima de Lisboa, vivia exilada a Família Real Espanhola. Esta coincidência faria com que Nácher iniciasse uma relação com o que acabaria por se converter em Rei da Espanha:

«Uma das funções atribuídas ao director do Estoril naquele ano foi a de exercer como confessor da casa real da Espanha, que desde 1931 se encontrava no exílio em Portugal. O Padre Nácher lembra: O rei telefonava-me: Pode vir? Eu tirava a soutaina cheia de medalhas, que se tinha sujado a jogar com os meninos no pátio, enfiava um limpa e ia. Numa ocasião chamou-me para celebrar a missa. Lembro-me daquele dia em Villa Giralda. Eram as bodas de prata de Juan de Borbón. Antes da missa deveria confessar a rainha-mãe, mas não tínhamos o confessor com a grade necessária. Pusemos ao meio, atravessado, o apoio de uma cadeira... Sim, era gente de fé, e observante.

A nossa casa de 1946 era muito pequena, mas tinha um teatrinho, e os nossos estudantes do liceu de vez em quando faziam alguma representação para as crianças. Não havia muitas diversões naquela altura no Estoril; de facto não havia nenhuma. Os dois infantes – D. Juan Carlos e D. Alfonso – nunca faltavam àqueles recitais. Divertiam-se muito. Também frequentavam o oratório, brincando no pátio com os outros jovens. Toda a família foi muito participativa nas nossas funções dominicais; preferiam a nossa igreja à da sua paróquia.

Em 1952 Juan Carlos tinha dezasseis anos e frequentava o liceu. Era já muito alto; eu tinha que erguer a cabeça para falar com ele. Influiu numa faceta da sua vida, quando ao terminar o liceu a família se questionava onde devia continuar os seus estudos. Uns propunham Oxford, outros Bolonha, onde o seu pai tinha estudado. Um dia em Madrid fui chamado para celebrar missa na casa do Embaixador de Portugal, e por casualidade ouvi dizer que se Juan Carlos continuasse os seus estudos fora da Espanha, dificilmente os espanhóis o aceitariam como rei. Disseram exactamente: Não será rei. Eu permiti-me relatar essa conversa. De facto, continuou os seus estudos na Espanha, na Academia Militar de Saragoça. E... converteu-se em rei.» (Bianco, 1981)

A sua relação com a família real teria consequências materiais em Timor-Leste. Em 1961 D. Juan presentear-lhe-ia um Jeep que a família utilizava nas suas caçadas.⁸ Uma vez transportado por via marítima até Timor-Leste, este transporte seria utilizado pelos missionários salesianos durante as duas décadas seguintes.

Em 1955 Nácher já tinha passado sete anos como mestre de noviços e dois cursos como Director de colégio em Portugal. Embora ainda não o soubesse, estava prestes a deixar a metrópole para iniciar uma nova vida como missionário. Assim o lembra para o texto de Enzo Bianco:

8. Informação proporcionada pelo P. João de Deus em entrevista pessoal. Lospalos 17 de Abril de 2012.

«No fim de 1954 o padre Nácher enfadou muito o seu inspector. O motivo era que o Reitor-Mor em Turim parecia querer aceitar o seu centésimo pedido de ir para as missões, e o inspector perderia um salesiano com que muito contava. Não conseguia partir. Era 1954 e ainda lá estava, de forma que escreveu rapidamente ao inspector: há vinte anos que peço para partir, seguindo a minha vocação missionária. Se por sua culpa mesmo desta vez não aceitar o meu pedido, eu serei obediente e ficarei. Mas se continuar a contrariar a minha vocação, saiba que o faz sob a sua responsabilidade. E o inspector aceitou» (Bianco, 1981)

Após o visto dos seus superiores, Nácher foi atribuído à colónia portuguesa de Timor. Em 1955, com cinquenta anos de idade, partiu para as missões do ultramar.

A PRESENÇA SALESIANA NO TIMOR PORTUGUÊS ANTES DE ALFONSO NÁCHER.

Antes de desembarcarmos com o P. Alfonso em Timor, seguiremos as suas palavras para descrevermos a situação da ordem salesiana na ilha antes da sua chegada. Para tal, servir-nos-emos do seu texto 'A Obra Salesiana em Timor', publicada no *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau* em Fevereiro de 1975. Ao longo do texto refere-se aos três lugares em que a ordem já estava instalada naquela altura: Díli, a Missão de Baucau e a de Fuiloro. Esta última seria o seu primeiro destino no Timor Português. Assim relata a sua fundação e primeiros anos:

«Dois anos depois da vinda dos Salesianos para Timor, radicados em Díli, o Sr. D. Jaime Garcia Goulart, Bispo de Diocese, quis entregar aos salesianos uma Missão nova, onde os missionários anteriores, diocesanos, não puderam exercer acção apostólica, quer pela distância da capital —214 Km— quer por não ter missionários suficientes.

Assim, pois, partiu para Leste da ilha o primeiro grupo de salesianos, o P. José Bernardino Rodrigues, o padre Aníbal Vighetti, os irmãos salesianos Isidoro Aranda e João Aranda, espanhóis e o José Ribeiro, português.

O superior desta área, de 2.300 Km² e na altura 32. Habitantes, era o P. Manuel Alves Preto, Director da Escola de Lahane, residente em Díli.

Registam-se, pouco depois da entrada que foi na véspera de São João Bosco, 30 de Janeiro de 1948, apenas 13 cristãos. Depois descobriram-se mais de 60 baptizados por um padre missionário chamado Manuel Jerónimo, que andou por aqueles lados em 1918, baptizando os que podia, depois de uma prática feita nos dias de bazar, ficando apenas com o nome cristão português, sem nenhum contacto nem instrução posterior.

O P. José, zeloso e apostólico, com perto de 60 anos, leccionava catequese todos os dias. Depois dum mês tinha quase 400 catecúmenos a ouvir diariamente o Evangelho desde as 8 até ao meio dia. Havia aulas de português para todos e de canto. Contava o missionário que esteve mais de um mês para meter-lhes no ouvido os 7 tons da escala musical. Seus cantos folclóricos eram apenas com umas notas guturais, formando dueto quase sempre, mas muito fora das notas da nossa escala.

(...) No fim do 1º ano, depois dum certame de catecismo de Pio X, feito diante do Administrador do concelho de Lautem, admitiram-se ao santo baptismo 146 catecúmenos, primeira célula desta cristandade.

Os salesianos viviam no posto antigo de Fuloro, daí o nome da Missão, com muita pobreza e mal acondicionados, pois as ratazanas os incomodavam todas as noites e quando caía a chuva, tinham de defender a cama com guarda-chuvas.» (Nácher, 1975: 161-162)

No mesmo texto, Nácher descreve como os integrantes deste primeiro grupo de salesianos na missão de Fuloro começaram a cultivar a terra com a ajuda dos materiais que o exército japonês tinha abandonado na zona após a sua retirada da ilha na Segunda Guerra Mundial:

«Aquela zona foi o quartel geral dos nipões, sede em CAPORO durante a sua ocupação na guerra 1941-45. Reuniram material nesta área para dar o assalto à Austrália. Na retirada em 1945 Lautém ficou cheio de material bélico. Um tanque de guerra serviu de motor para as culturas. Os muares para a lavoura secundária. Os carros meio estragados, recompostos pelo habilidoso Irmão José Kus, que em breve se juntou a eles, serviram de meios de transporte numa boa série de ferro velho, ainda hoje útil para concertos de máquinas e para construções e canalizações. Os baptismos andavam por volta dos 150 anuais» (Nácher, 1975: 162)

Foi durante os anos imediatamente anteriores à chegada de Alfonso Nácher que a comunidade salesiana entrou em contacto com a comunidade de falantes de fataluku. Perante uma realidade em que a evangelização em língua portuguesa se tornava impossível devido à falta de conhecimento da mesma por parte da comunidade, os missionários adoptaram uma dupla estratégia: ensinar a língua da metrópole e aprender o fataluku. Foi a partir desta necessidade linguística e evangelizadora que começaram os trabalhos que acabariam por culminar, através do P. Alfonso, no dicionário que se reedita nesta obra:

«Estabeleceram-se estações missionárias nos postos administrativos, como o Sr. Bispo orientava; e colocavam-se catequistas, que eram os antigos alunos; o primeiro, porém, era cristão antigo, aluno da escola de Lautém, um tal Vicente que serviu de intérprete aos missionários na explicação do catecismo

O Padre José iniciou-se no conhecimento de dialecto FATALUCO, conhecido no resto de Timor por DAGADA, porque eles não têm o som 'D' em 'GUE', reunindo as palavras por ordem alfabética, num início de dicionário, português-fataluco» (Nácher, 1975: 162)

Sobre a missão de Baucau, segunda concentração mais importante da colónia portuguesa, Nácher oferece sobretudo dados do número de cristãos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, quando os primeiros salesianos se instalaram, e 1954:

«Dos Arquivos do Cartório de Baucau consta que depois da guerra foi colocado nesta Missão o P. Ave Maria de Almeida, que tratou de organizar a cristandade.

Os baptizados eram 3.105, —mas a maior parte estavam já muito esquecidos, quer da doutrina, quer do cumprimento dos deveres de cristãos.

O P. Afonso (Francisco dos Santos Afonso) estivera no ano anterior, e alistou 2.267 cristãos. As famílias, isto é, os casais, eram 163. O P. Almeida já controlou 411 casais, que deram as primeiras células da restauração. No ano 1951, trabalhou o P. Jacinto, elevando o número de católicos a 5.606. (...) Deixou para o P. Aleixo, em 1954, mais de 7.700 cristãos.» (Nácher, 1975: 184)

Sobre os inícios da obra salesiana em Díli, capital do Timor português e primeiro ponto de entrada da ordem, Nácher refere:

«Sem arquivos para fixar datas e pessoas, vou dar um resumo do que ouvi antes de minha vinda, que foi em 1955, ou eu presenciei. Busquem-se outras fontes para ampliar ou frisar bem as datas.

A primeira obra dos salesianos em Timor foi Díli. Veio em 1946 como chefe da expedição o P. Manuel José Alves Preto. O Sr. Dom Jaime deu-lhes a direcção da escola de Lahane. Era um externato, onde se cursava apenas o ensino primário, até à 4ª classe complementar. Chegou a ter mais de 600 externo» (Nácher, 1975: 185)

Quando o P. Alfonso se uniu à comunidade salesiana que tinha chegado à ilha a partir de 1946, a igreja católica tinha iniciado um firme empreendimento evangelizador em Timor-Leste, uma vez recuperada a soberania do território por parte de Portugal após o fim da Segunda Guerra Mundial.



Comunidade salesiana em Timor-Leste em 1956. Nácher, na primeira fila segundo a contar da direita. CdFL.

NÁCHER EM *FUILORO*. MISSÃO EM TERRA DOS *FATALUKU*

Alfonso María Nácher desembarcou no porto de Díli em 3 de Fevereiro de 1955. Partiu imediatamente para a Missão de Fuiloro, no distrito de Lautem, aonde chegaria no dia 13 do mesmo mês. Nem tudo lhe era desconhecido na ilha. Aguardavam-no alguns dos seus antigos alunos no noviciado de Mogofores: «Encontrei-me aí com os meus noviços. Durante alguns anos, todos os sacerdotes salesianos de Timor-Leste foram os meus noviços» (Bianco, 1981). As suas primeiras ocupações em Fuiloro, no entanto, não pareceram agradar-lhe: «O primeiro trabalho não foi emocionante: destinado a Fuiloro, puseram-me a executar tarefas de escritório. Era necessário registar os baptismos e os casamentos. Disse ao director: para fazer este trabalho põe qualquer rapaz.» (Bianco, 1981)

O P. Nácher, introduzindo-se no seu próprio texto através da terceira pessoa, regista a sua incorporação na Missão:

«Em 1955 veio o P. Manuel Preto de Díli para Fuiloro como Superior da Missão e o P. José Rodrigues seguiu para Díli para tomar conta da Escola de Lahane. Neste ano veio o reforço de dois missionários para Fuiloro, o P. Alfonso María Nácher e o Irmão salesiano Manuel Duarte Ferreira. Com este aumento de pessoal intensificaram-se as visitas missionárias e o número de locais visitados mensalmente.» (Nácher, 1975: 162)

Bianco ajudar-nos-á a descrever a situação que Nácher encontrou no momento da sua chegada:

«A missão tem 37.000 habitantes. Tinha sido confiada aos salesianos em 1948, os primeiros missionários armaram as suas tendas de campanha num estábulo. Anteriormente, os missionários itinerantes tinham conseguido a conversão de cerca de cinquenta cristãos. À chegada do padre já eram cerca de três mil. Os filhos de D. Bosco tinham aberto uma escola de agricultura para ensinarem as pessoas a cultivar verduras e criar gado» (Bianco, 1981).

A mesma fonte faz referência à génese dos trabalhos de recolha de léxico fataluku, derivados das necessidades linguísticas tendo em vista o trabalho evangelizador que o sacerdote enfrentou em Fuiloro, e que acabariam por cristalizar no dicionário a que este texto serve de contexto. No entanto, não menciona os trabalhos prévios que o próprio Nácher se preocupou em reconhecer na sua resenha histórica da obra salesiana em Timor.

«Colocaram-no no ministério activo, mas foi necessário lidar com o idioma local, o fataluco. Não teve gramáticas ou dicionários, e para ajudar a sua memória oxidada começou a escrever as palavras com os seus significados, fabricando assim um vocabulário para uso pessoal.» (Bianco, 1981)

«O P. Afonso, com um trabalho aturado compôs um dicionário de fataluco para o tétum, macasai e português, aproveitando os apontamentos dos missionários anteriores, P. Miguel Bernardino Rodrigues, P. José e principalmente do irmão José Ribeiro que fez uma série de estudos linguísticos, tais como manuais para aprender uma língua em 60 dias. É o salesiano que melhor domina a língua nativa; os habitantes dizem: 'O Senhor Ribeiro é como um de nós.'» (Nácher, 1975: 163)

Nácher permaneceria doze anos na missão de Fuiloro, até 1968. Só interromperia a sua presença para tomar conta do colégio de Santa Teresinha, na povoação de Ossu —distrito de Viqueque—, no curso de 1960-61: «Como em 1959 eram 4 os Padres (P. Manuel, P. Joaquim Gama, P. Marvão e P. Nácher) e em Ossu apenas um, o P. Júlio Ferreira, diocesano, o Sr. Bispo pediu um sacrifício aos salesianos, deslocando para lá o Sr. Duarte e o P. Nácher, que tomariam conta do internato. Em Maio de 1960 o P. Nácher foi de licença graciosa, e na volta regressou de novo a Fuiloro, já como Superior, em 26 de Novembro.» (Nácher, 1975: 165)



- | |
|---|
| 1 |
| 2 |
| 3 |

1. Instalações da Missão de Fuiloro em 1956. CdFL.

2. Alunos na Missão de Fuiloro 1959. CdFL.

3. Transporte de alunos em Fuiloro 1955. CdFLL.

Aí e seguindo os dados disponíveis no relatório do colégio correspondente a 1961, conservado no arquivo da Missão de Fatumaca, encarregou-se de uma população cristã que ascendia a 8.105 pessoas de um total de 54.370, assentes em quase 2.200 Km². Seguindo a classificação do documento, no colégio estava matriculado um total de 212 alunos, 203 dos quais eram de «raça nativa», 5 «mestiços» e 4 na categoria de «outros». Por religião, 176 eram católicos e 36 «gentios». A mesma fonte oferece uma descrição interessante, em que novamente a questão da diversidade linguística adquiriu importância no contexto da evangelização:

«A Missão, que pertence à Diocese de Díli, foi fundada em 1938. Corresponde, em território, à circunscrição administrativa de Viqueque e tem de superfície cerca de 2.200 km² e uma população computada em 54.000 habitantes. Ao todo contava, em 30 de Outubro de 1960, sete mil cristãos.

Além do português (língua oficial), fala-se, na área desta Missão, mais cinco línguas: tétum (Viqueque, Caju-Laran e Lacluta —12 a 15 mil pessoas), macasai (Viqueque, Ossu, Uato-Lari e Uato-Carabau —18 a 20 mil pessoas) midique (Viqueque —2 mil pessoas) nauete (Viqueque, Uato-Lari e Uato-Carabau —10 mil pessoas), cairui (Ossu, Dilor e Lacluta —8 mil pessoas). Números aproximados e baseados em estatística antiquada e duvidosa quanto a número e distribuição geográfica.

A missão faz-se pelo tétum, língua da Diocese (que os missionários têm espalhado, por a obra missionária de Timor ter começado pela região onde esta língua se fala) e, na medida das possibilidades, pelas línguas locais. As escolas, porém, onde se ensina exclusivamente o português, tende a [ilegível] o uso desta língua; tal como, paralelamente, os catecúmenos o macasai, falado por mais de 1/5 da população de Timor, é a língua mais importante da zona leste da Província, e o seu uso será de grande utilidade aos Missionários e de grande proveito das almas.»

Nácher deixaria o seu cargo em Ossu em 16 de Maio de 1961 para embarcar para a metrópole por motivos de saúde. Ao regresso da sua viagem para recuperar o seu estado físico, Nácher reincorporou-se como Director na Missão de Fuiloro, onde permaneceria até 1968. O trabalho e a vida diária durante os seus anos de trabalho nessa missão podem ser seguidos através dos testemunhos recolhidos em 'A obra salesiana em Timor' e na CdFL. Os trabalhos agrícolas e educativos, o trabalho evangelizador e a construção de infra-estruturas ocupavam a maior parte do tempo. Utilizaremos o texto da primeira das fontes para descrevermos as tarefas missionárias e as fotografias da segunda para ilustrá-las:

«Conseguimos que Serpa Rosa, Governador de Timor até 1957, nos oferecesse o primeiro tractor que talvez entrou em Timor, pelo menos na ponta leste, e que hoje se tornou um meio de que os próprios nativos, com a ajuda das Administrações, lavrassem terrenos, tornados férteis depois de três anos de culturas. Serpa Rosa dizia que era gastar dinheiro inútil. O P. Manuel que era necessário suprir com a máquina o que o Timor, fraco, não pode fazer.

Hoje há uma enchente de tractores, multiplicando os benefícios das hortas e o rendimento das várzeas; embora, neste sector ainda não se convenceram os timorenses de que é mais remunerativo e menos extenuante o tractor do que o sistema de esmagar e enterrar as ervas com as patas dos búfalos.

Um segundo benefício que se estendeu a toda a ilha, iniciado em Fuiloro como o Sr. Manuel Preto foi a armazenagem do milho em bidões. Antes o gorgulho dava cabo das reservas alimentícias, hoje todos imitaram este belo e fácil sistema de encerrar o grão em bidões, durando assim, melhor do que em outros silos, durante dois ou mais anos sem se estragar.

(...) Quando o P. Manuel veio definitivamente de Díli em 1954 para tomar conta só da Missão de Fuiloro tinha esta 1.217 cristãos católicos. As visitas missionárias eram feitas com irregularidade. Faltavam catequistas, faltava localização de apostolado. Aproveitando os melhores cristãos formados pelos salesianos nos seis anos anteriores, conseguiu estabilizá-los em 10 centros: Tutuala, Com, Moro, Daudore, Laivai, Luro, Leuro, Iliomar, Loré, Muapitinie e a sede da Missão em FUILORO.

Com esta divisão aumentou o número de catecúmenos e se chegou a uma média de 550 baptizados por ano, chegando em 1960 o número de cristãos a 3.858.

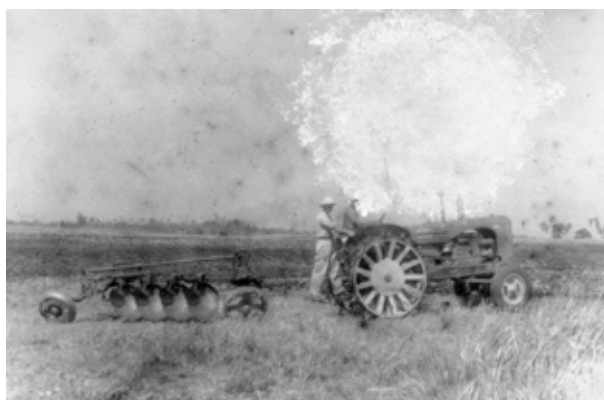
(...) Com as reservas que o P. Miguel Bernardino Rodrigues, que administrou a Missão por 3 anos, e com o zelo por arranjar pingues esmolas, acabou o futuro refeitório que tinha as paredes apenas sem cobertura nem portas e janelas por ser um lindo pavilhão que serviu de ampla capela durante muitos anos.

(...) Iniciou-se uma central eléctrica, por conta dos salesianos, construindo uma pequena barragem na ribeira de Camano, chegando a produzir hortaliça em terrenos que antes da rega eram muito pobres. (...) É nestes empreendimentos e sacrifícios que se baseia o sustento do Colégio-internato (com 150 alunos) e o prato de milho dado gratuitamente aos externos, que às vezes chegam a mais de 500.

(...) A ginástica foi neste tempo uma das notas de honra da Missão. Acompanhados dos clarins da banda, e por vezes com vários instrumentos musicais, procedia-se todos os domingos com grade aprumo e elegância ao içar da bandeira, acto solene que contribuiu muito para a formação patriótica do povo, já que todos assistiam com religioso respeito àquela homenagem tributada ao símbolo da Pátria.

(...) O P. Nácher conseguiu interessar o novo Governador Alberto Correia na construção duma escola exemplar. Mandou fazer uma planta de 12 aulas, 4 salas e um átrio central a um architecto de Obras Públicas. E, ao tempo que se iniciava, em 1964 a Escola de Fatumaca, ia dando verba aos poucos, com o que o P. Afonso Nácher conseguiu, antes de acabar o seu segundo mandato de 3 anos, levantar mais de metade do lindo edificio escolar.

Os Cristãos, em 1968, quando o P. Nácher deixou Fuiloro para ir a Baucau, já eram 8.400 e as famílias cristas passavam de mil. Era um avanço formidável, em 20 anos duma Missão que começou quase do zero.» (Nácher, 1975: 166-172)



1

2

1. Comunidade salesiana de Fuiloro em 1956. Nácher, primeiro a contar da esquerda. CdFL.

2. Trabalhos com tractor na Missão. 1959. CdFL.



3	4
5	
6	

3 & 5. Competições desportivas. Dezembro de 1971. CdFL.

4. Danças folclóricas dos alunos. Fevereiro de 1972. CdFL.

6. Instalações da Missão de Fuiloro em 1971. CdFL.

Se na sua condição de professor em Portugal o destino o fez conhecer um rapaz que se converteria em rei, o seu cargo na Missão de Fuiloro fá-lo-ia influir na formação de um dos fataluku que, anos mais tarde, se converteria num dos heróis mais assinalados da resistência timorense, Nino Konis Santana. Assim o relata José Mattoso na sua obra *A dignidade. Konis Santana e a resistência timorense*:

«Deve ter revelado desde cedo os seus dotes intelectuais, porque, terminada a aprendizagem das primeiras letras, passou, como aluno interno, para o colégio dos padres salesianos de Fuiloro, então dirigido pelo reverendo padre Magalhães, futuro apoiante convicto da Resistência, que os actuais sobreviventes da luta clandestina recordam com saudades. [...] Interessava-se pela leitura. Lia livros e revistas emprestados pelo padre Afonso Nácher. Era habitual a sua participação nos eventos culturais, nos quais declamava poesia ou entrava como actor das peças de teatro escolhidas pelos missionários salesianos» (Mattoso, 2005: 41)

Anos mais tarde o cenário de formação intelectual que representava a Missão de Fuiloro mudaria de natureza. O distrito de Lautem foi invadido pelo exército indonésio em 3 de Fevereiro de 1976 e a missão passou a ser um campo de concentração. Os padres de Nino Konis Santana seriam internados no seu antigo colégio (Mattoso, 2005: 62). Mas antes de a guerra chegar novamente à vida de Alfonso Nácher, ainda faltavam alguns anos.

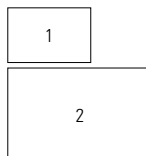
A MISSÃO DE FATUMACA. O FIM DA COLÓNIA PORTUGUESA.

Em 1968 o nosso protagonista deixou Fuiloro, após doze anos de trabalho, para se incorporar na Missão de Baucau sucedendo ao P. João de Deus Pires. Ao mesmo tempo, durante dois anos, exerceria como Oficial do Delegado do Provincial de Portugal. Naquele momento o P. Alfonso já tinha a nacionalidade portuguesa, que lhe tinha sido concedida em 20 de Julho de 1966. A embaixada de Jacarta renovou-lhe depois a cidadania espanhola, pelo que a partir desse momento gozaria de dupla nacionalidade.

Quando Nácher chegou a Baucau há já quatro anos que tinham sido iniciadas as obras da que seria a Escola Elementar Agrícola de Fatumaca. Situada a cerca de 20 quilómetros a norte da cidade da povoação de Baucau, a escola era patrocinada pelo Governo da colónia. O P. João de Deus, antigo aluno de

Nácher no Noviciado de Mogofores, estava à frente da iniciativa com o apoio do P. Eligio Locatelli.

«Enquanto se levantava o pavilhão com dois andares para as aulas e três outros de um andar para dormitório, serviços higiénicas e refeitório, os salesianos começaram a viver num barracão. Ainda hoje estão nele, à espera da construção da residência. Dizem os pioneiros desta obra – hoje veteranos no serviço dos timores – que é assim que se dá testemunho. Os alunos num palacete; os missionários numa choupana.» (Nácher, 1975: 182)



1. Primeira habitação dos Salesianos em Fatumaca. 1964. CdFC.

2. Escola de Fatumaca em 1985. Arquivo salesiano de Comoro.



Os primeiros pavilhões foram inaugurados em 1967. O seu primeiro director, o P. José Evaristo Rodrigues, renunciou um mês depois de se ter encarregado da escola, e foi substituído pelo P. Correia, que um mês mais tarde morreria em acidente de trânsito ao regressar de uma visita à Missão de Fuloro. Encarregou-se então do colégio o P. Eduardo Vicente Roxo, que se manteve no cargo durante dois anos. Seria substituído pelo P. João de Deus.

«No seu mandato de três anos deu-se uma nova orientação e ampliação ao fim da Escola, já que os alunos de Agricultura iam diminuindo, por não terem colocação ao acabarem seu curso, oficial e com diploma, de 'Capatazes Agrícolas'. Iniciou o Ciclo Preparatório e ainda depois os cursos de artesanato, mecânica e carpintaria. Construiu um novo pavilhão e deixou a obra iniciada para realizá-la o seu sucessor como Director, ao acabar o triénio de seu cargo, o P. Alfonso María Nácher.» (Nácher, 1975: 184)

Em 29 de Agosto de 1973 o P. Alfonso instalou-se em Fatumaca como Director da Escola. Ele mesmo registou a sua chegada na primeira entrada que escreveu na crónica da casa: «Procedente de Baucau veio o Padre Alfonso María Nácher, recém-nomeado Director, já que o Governo pôs reparos ao que tinha sido proposto, Padre Eligio Locatelli». (CdfC. Agosto de 1973) A carta seguinte, datada de 27 de Dezembro de 1973, escrita por Nácher ao Director da Cáritas Internacional e conservada no arquivo da Missão de Fatumaca, fala das necessidades que se sentiam na tarefa de formação profissional da escola:

«Os Salesianos, nesta Diocese, vêm desde há anos desenvolvendo uma acção deveras notável em prol da promoção social entre as populações nativas, especialmente entre a juventude timorense. Além do trabalho pastoral, em geral, mantêm eles um conjunto de obras sociais, a todos os títulos beneméritos, que visam ministrar uma esclarecida, sólida e prática formação integral à juventude de Timor. Pretendem, agora, no prosseguimento desse programa, apetrechar de maquinaria apropriada as Oficinas de Serralharia e de Marcenaria, para a formação profissional dos rapazes nativos timorenses, tornando-os desta forma aptos a realizarem a sua Missão de homens, social e profissionalmente preparados, na sociedade timorense.

(...) E, porque a situação humano-sócio-económica dos 600 mil habitantes desta Diocese de Díli é verdadeiramente subdesenvolvida, as referidas oficinas de serralharia e de Marcenaria da Escola Salesiana de Fatumaca, Baucau, carecem absolutamente de todos os auxílios materiais e merecem carinhosamente uma ajuda substancial da Cáritas Internacional»

Os trabalhos continuam, mas está prestes a começar um período difícil. A partir de Fatumaca Nácher viveria os acontecimentos que, a partir de Abril de 1974, iniciariam uma mudança política na Metrópole que teria consequências directas na colónia de Timor. O processo que levaria à proclamação da independência em 28 de Novembro de 1975, à invasão por parte de Indonésia do território de Timor-Leste e à luta de resistência iniciada contra a ‘integração’ representaria um período de violência que rodearia o sacerdote espanhol até ao momento da sua morte.

A CdFC pode ajudar-nos a introduzir-nos na forma como se vivia o dia-a-dia das mudanças políticas em Timor-Leste, desde a situação prévia com Timor como colónia do ‘Estado Novo’, passando pela Revolução dos Cravos e chegando à situação de violência civil prévia à invasão Indonésia. Nácher exercia como cronista:

«**Fevereiro 1974.** Domingo. O içar da BANDEIRA reveste, todos os domingos, um ato solene e de formação cívica e patriótica. Cumprindo o dever com a Pátria, preparasse para cumprir com Deus, indo participar na liturgia da palavra e na ação eucarística. É domingo!

26 de Abril 1974. Veio a Fr. Benaggato, as 12:30. Trazia 2 Madres de Ossu. Informou-nos do golpe de estado do General Spínola —que nos ignorávamos— e da Junta de Salvação Nacional com o Movimento das Forças Armadas. Desapareceu a DITADURA o FACISMO de 50 anos e abre-se a porta a Democracia. Rogamos pela Pátria.

30 Setembro 1974. Spínola renuncia ao cargo de Presidente da República.

02 Outubro 1974. Na radio ouviu-se esta frase: os padres não colaboram para a democracia.

04 Outubro 1974. Veio o novo administrador de Baucau, Sr. Salgueiro. Disse que o Governo confia nos salesianos.

12 Outubro 1974. O Ten. Cor. Níveo Herdade chamou a um Inspetor Administrativo vindo de Lisboa, e que estava na sala de espera e disse-lhe: Veja V. Ex^a o trabalho e projetos dos Salesianos. Com a metade do dinheiro fazem o dobro que os administrativos. Ele colocam nas obras os seus trabalhos e os seus haveres. Confiamos nos salesianos para o futuro dum Timor melhor.

13 Outubro 1974. O P. Diretor regressou de Dili. Dormiu em Baucau. O Ministro não se sabia quando viria. Um tufão o obrigou a ir a Jacarta e a Canberra antes de vir para Timor. Os moradores, povo e Liurai, ficaram em Dili. Muitíssima gente já estava no aeroporto,

e rapidamente recolheu para as suas casas, deixando as ruas de Dili desertas, que horas antes estavam de lés a lés cheias de pessoas e sobre tudo de camionetas dos três partidos: FRETILIN, Apodeti e UDT, com suas bandeiras.

17 Outubro 1974. Esperava-se o Ministro Dr. António Almeida Santos, mais foi logo esclarecido que não virá ate o sábado 8 dias depois do que se tinha anunciado.

21 Outubro 1974. Ida ao aeroporto. Estavam ali só uma camioneta de Vemasse e as escolas de Baucau e Fatumaca a despedir ao Dr. António Almeida Santos, Ministro de Coordenação Interterritorial. Falou cordialmente com o Pe Diretor e disse que tivemos um bom advogado (o Encarr. De Governo. Tn. Cor N. Herdade). Este afirmou que o Sr. Ministro concordava com todo o exposto e pedido. O Dr. Almeida Santos, abraçando ao Pe Diretor, antes de subir ao avião de regresso, disse-lhe: levo as plante e pedidos de vossa Escola para Lisboa. Vamos estudar o assunto. Foi pena não ter tido tempo de vos fazer uma visita. Gostava de ir-la. Está muito longe?...

30 Janeiro 1975. Na missa falou (ou fez a homilia) o P. C. Gamba, parafraseou 3 homens cume do século passado, Marx, Lenin e Engels, debruçados para o mal: confronto com D. Bosco, debruçado para o bem.

08 Fevereiro 1975. Em carta lida por um dos alunos ante o novo Governador, Coronel Mário Lemos: Oxalá V. Ex. possa encontrar tudo na ordem e feliz orientação do 25 de Abril. Somos uma célula do nosso Timor. Nesta escola aprendemos a trabalhar para o tornar valioso na independência que as Forças Armadas nos conquistaram. Aceitamos a voz de comando de trabalhar para engrandecer a Pátria. E queremos desta maneira, contribuir com a nossa pedrinha para a contração desta nova casa de Trimos. Estamos convencidos de que sem o trabalho de todos não se pode construir uma Pátria nova e digna. (...) Por isso estamos certos de que o Governo não deixará de animar, apoiar e ajudar esta obra que nos parece indispensável para a formação da juventude operária dum Timor novo.

9 Fevereiro. 1975. Conseguiu-se hoje aprovar o regulamento de Concelho de Estudantes, foi publicado e a seguir procedeu à votação dos elementos constituintes. Nas 'Boas Noites' fixou-se o pensamento: Liberdade, democracia, sua RESPONSABILIDADE à que não se pode fugir.

12 Fevereiro 1975. Em Dili tudo fechado. O Padre Afonso foi com o Intendente, P. Santa, ao plenário do FRETILIN, no ACAIT, forma os dois únicos 'Malaes' que ali estavam.

12 Março 1975. Correu a voz de revolta em Portugal e fuga de Spínola em helicóptero para Espanha.

13 Março 1975. Fizeram uma visita, na manhã de hoje, enquanto continuávamos perto do 2º período, um grupo de políticos australianos, acompanhados de dirigentes de Fretilin

e UDT. Não visitaram as oficinas... Causou maravilha aos professores do Colégio um desinteresse desse género (forja de trabalhadores do povo) naqueles que se dizem do povo e para o povo. Deu sensação de que era uma viagem turística.

20 Março 1975. Voltaram de jeep os de Dili. Ouve-se na Radio a norte do infante D. Jaime de Borbón, filho de Alfonso XIII, rei de Espanha, com 72 anos.

22 Março 1975. Volta o P. Afonso. Em Baucau Fretilin montou uma escola. 1º lição “ Já os colonizadores chuparam a sangue dos maubere” (SIC). Traduzido ao Tetum.

11 Julho 1975. Veio o C. Mouzinho comprar um porco para o Hotel. Fala do que se trata uma cimeira de Macau, dizendo o que perdeu Fretilin com não ter comparecido.

11 Agosto 1975. Correu noticia de que a UDT tomou os quarteeis de Dili e do resto da provincia. Os alunos voltaram para o colégio, desistindo de ir a Manatuto e o Engº com os 2 Regentes seguiram –cheios de medo- para Dili. Tinham tomado as refeições do pequeno almoço, almoço e merenda. O estado devia pagar essas despesas e a alimentação dos alunos nos 40 dias que devia durar o curso.

12 Agosto 1975. Como não vinham os professores, o Pe Locatelli foi até Baucau para os interrogar sobre as decisões a tomar. Deixaram recado que, de voltar, só no dia 18 viriam a Fatumaca. O Pe Locatelli rezou Missa em Gari Uai pois lho pediram os fiéis.

14 Agosto 1975. Seguia-se o trabalho de construção de refeitório para os alunos. Hoje colocou-se a cinta de cimento sobre as janelas, na parte S, na ultima hora de trabalho. Nesse tempo vieram engenheiros da Brigada das Estradas com um chefe de O.P, fugidos da ponte nova (em construção) de Manatuto. O Pe Lobato foi a Baucau. O Pe Locatelli comunicou: “Venham todos os que desejem ser evacuados para a Metrópole. A situação não é segura. As madres vau sair.” O P. Limeo aceitou, e o Pe Matias (de Fuiloro) que se encontrava por cá, não tinha muita vontade, mais foi aconselhado, e aceitou, por causa da doença que o levava varias vezes a Dili: pernas inchadas, —efeito do coração?— e diabetes.

16 Agosto 1975. Veio o Pe Ribeiro com o Pe Matias. Levava hortaliça para o Hospital. Os alunos do CURSO DE RECICLAGEM, são hoje advertidos, que, dada a fuga dos professores, da-se o curso por acabado. Muitos ficaram desapontados, embora o ambiente está agitado, com noticias de guerra e prisões, muito confusas. Nada certo se sabe de Dili.

17 Agosto 1975. O Pe Diretor rezou Missa em casa, Bercoli e Venilale. O Pe Locatelli em Uai Lili e de tarde em Loi Lubo. Estão os espiritos muito agitados, em tenção, dada a nova face da vida de Timor, perdida a PAZ.

19 Agosto 1975. Anunciam que foi apresado e inutilizado o helicóptero do Governo, em Aileu, onde há forte resistência contra o golpe dos de UDT em Dili. Estes anunciam que querem eleições livres e em colaboração de todos, mas que saiam os comunistas que cá vieram.

20 Agosto 1975. Fala-se que Aileu e Maubise resistem coma ramas e vão avançar sobre a Capital.

26 Agosto 1975. Radio Austrália anuncia que Bispo e Madres caíram presas e que o Governo de Timor saíra de Dili para Ataúro.

31 Agosto 1975. Houve missa em Case e só em Venilale, a onde foi de cavalo o Pe Locatelli. No aeroporto um fugitivo ameaçou com bomba de mão inutilizar o avião se não o levavam a ele. Isto valeu que o Pe João de Deus pudesse conseguir que embarcassem também as madres de Ossu e Baucau. Acompanharam nas o Pe Isidoro —açoriano— superior de Colégio masculino de Ossu e o Pe Benazzato, missionário em Timor desde 1953.

01 Setembro 1975. Invasão de gente para pedir 3 kg de milho para semear. Todos pedem sal. Faz-se um esforço para ajudar.

02 Setembro 1975. Um avião australiano aterrou em Baucau. Deixou em Ataúro o Ministro Dr. Almeida Santos. Um barco pesqueiro evacuou 300 pessoas de Baucau. Vista o Colégio (vindo de Same) Madres da C. Ferreira, AA das Oficinas de San José de Dili. (...) Diz que em Same lhe queimaram as casas e roubaram 500 cabeças de gado bovino e a industria de álcool. Diz que se queimaram as casas uns aos outros e maltratara más mulheres, deitando as crianças ao fogo dentro das casas (será?)

03 Setembro 1975. Assegura que as tropas da ONU vão vir em breve. Chegaram as 19:30 h. as madres de Soibada (3) com o Pe Leoneto e Pe Tavares, com eles 20 seminaristas. Vieram desde Bibileu de camioneta; de Laitada a Bibileu a pé, em etapas, durante uma semana. Nada sabem dos de Dare. A Madre Rosa conta um sonho: “Vinhm muitos num carro, guiado por João XXIII. Um touro feroz, de chifres compridos, olhos grandíssimos, queria opor-se-lhe no caminho (que ela sabe já falecido) puxa de debaixo uma corda, assim o boi não atingiu o carro. João XXIII dizia: «Vamos a Fatumaca». A M. Rosa ficou impressionada ao ver que, por avaria do camião que as trazia de Viqueque, não puderam chegar a Baucau: “a Fatumaca”. O sonho, dizia ela, foi real graças a João XXIII. Estavam seguras e atendidas muito bem, depois de tanta canseira.

04 Setembro 1975. Veio o Pe Reitor com mais (uns 13) seminaristas (...) Diz o Aleixo que os Australianos se comprometem a compaginar a paz em T. A rádio nada diz. Há centenas de almas na Praia de Baucau, à espera de barca que os evacue. As madres forma para Baucau no nosso jeep. Tomaram (chegando no momento preciso) o avião Australiano que as 17:15 saiu de Baucau para Darwin.»

Assim terminam os apontamentos do Padre Alfonso María Náchter na Crónica da Missão de Fatumaca. As páginas que se seguem no caderno estão em branco. O que viria depois é bem conhecido. A Indonésia invadiu Timor-Leste em 7 de Dezembro de 1975.

OLEU PITINE. INVASÃO DE TIMOR E EVANGELIZAÇÃO

Poucos dias depois o exército indonésio chegou junto à missão de Fatumaca. Nácher recordaria anos depois a situação a Enzo Bianco:

«As tropas regulares apoderaram-se rapidamente dos centros urbanos e a guerrilha da Fretilin retirou-se para a montanha. Antes do Natal de 1975 —lembra o P. Nácher— os soldados também ocuparam o nosso colégio em Fatumaca, mas as autoridades permitiram que conservássemos o edifício. No entanto, tivemos que nos retirar por alguns meses e regressou imediatamente a guerrilha. Todos os dias as pessoas vinham pedir-nos arroz, milho e iuca. Distribuímos 23 toneladas de cereais. Depois os guerrilheiros decidiram evacuar-nos e deram-nos oito dias para lhes transferirmos as instalações da escola. Dissemos que não. Não podíamos, o delegado do Papa em Darwin tinha-nos dito que não abandonássemos a escola por nenhuma razão. (...) Na prática estávamos sob detenção domiciliária, privados de qualquer contacto com o exterior. Assim durante cinco longos meses» (Bianco, 1981)

Não é este o lugar para se entrar em pormenores sobre a crueldade da violência que se registou em Timor-Leste após a ocupação. Basta mencionar o papel desempenhado pelos poucos sacerdotes estrangeiros que permaneceram na já ex-colónia portuguesa como administradores da ajuda internacional que conseguia entrar no país. Na área dependente da Missão de Fatumaca, as capelas e igrejas foram transformadas em armazéns dos cereais provenientes do auxílio católico, uma das poucas fontes de alimento disponíveis para uma boa parte da população.

O Padre João de Deus lembra assim aqueles dias:

«Naquela altura chegou da América um preparado de milho com mistura de arroz. Nós transformámos as igrejas em armazéns. Quando necessitávamos usávamos... ninguém roubava... Isso era do povo. Foi inicialmente no ano setenta e sete ou setenta e oito. Aquilo salvou muitas vidas; notava-se muito a diferença. Uma semana ou duas semanas a comer aquilo e melhoravam. As pessoas estavam a passar muita fome. A mim apanharam-me, fui feito prisioneiro, trataram-me mal, mas não me importava... sou timorense...»⁹

Em Maio de 1979 Alfonso Nácher voltou ao distrito de Lautem para efectuar um trabalho evangelizador urgente a partir da sua capital, Lospalos. A esta tarefa específica se refere o próprio Nácher nos seus apontamentos autobiográficos como «baptismos em massa». Dedicar-se-á a isso até 1982.

⁹ Entrevista ao Padre João de Deus. Lospalos 14 de Abril de 2012.



1

1. O P. Nacher recebe um transporte de autoridades militares. 1988. Arquivo salesiano de Comoro.

2

2. O P. Nacher com militares indonésios. 1988. Arquivo salesiano de Comoro.

O processo de conversão ao catolicismo do povo de Timor, que até à invasão, e de acordo com as estimas do Padre Eligio Locatelli¹⁰ «não chegava a 30 por cento de cristãos» registou um aumento exponencial nos últimos anos da década de '70 e nos primeiros da de '80. Coincidiu com o momento em que uma grande parte da população, refugiada nas selvas e montanhas junto à guerrilha, teve que abandonar as suas bases, que se tinham tornado insustentáveis devido à pressão militar do exército.

Uma vez agrupados e sob o controlo do exército, os rendidos deviam inscrever-se como cidadãos indonésios. Para cumprirem o trâmite, deviam escolher uma das cinco religiões oficiais contempladas na lei — hinduísta, budista, muçulmana, católica e protestante. O ateísmo ou as religiões tradicionais não eram aceites. Para o caso de Baucau, Enzo Bianco, seguindo o testemunho de Nácher, citou alguns números:

«Baucau é agora uma cidade cheia de catecúmenos. Em 1980 teve 7.454 baptismos e há 18.224 pessoas a estudar catequese (onze mil dos quais em estágio na última fase de preparação). Os baptizados são já 42.800, os animistas são menos de 13.000 (como novidade há alguns protestantes, muçulmanos e budistas).» (Bianco, 1981)

Foi neste contexto que Nácher, conhecedor do fataluku e com doze anos de experiência na zona, regressou por três anos ao distrito de Lautem. Aí acompanharia o Padre João de Deus na sua tarefa evangelizadora. O que fora o seu aluno no noviciado de Mogofores calcula que durante esse período efectuou a maioria dos 80.000 baptizados em que calcula ter participado como missionário em Timor-Leste (Antunes, 2010). O próprio João de Deus oferece um testemunho directo deste processo.

«Eu apliquei um sistema diferente. Naquela altura eu estava em Baucau. Para que os islâmicos não ganhassem, porque estavam a comprar vontades e eu tinha conhecimento daquilo, ao descer a população da montanha vinham todos procurar-me, eu dava-lhes a primeira parte do baptismo. Na porta das igrejas perguntava-lhes. Como é que te chamas?... pois em católico és Manuel... fazíamos-lhes uma ficha com os catequistas, fazia-lhes o sinal da cruz e, com base nos indonésios já eram católicos. Depois, com o tempo, aprendiam a doutrina e baptizavam-se...»¹¹

10. Entrevista ao Padre Eligio Locatelli. Fatumaca, 29 de Abril de 2012. **11.** Entrevista ao Padre João de Deus. Lospalos 14 de Abril de 2012.

Em 1979, recém-chegado a Lospalos, Nácher reabriu a escola da Missão de Fuiloro, que tinha sido ocupada pelo exército indonésio em 1976 para ser usada como parque de campismo. Gil da Cruz, vizinho da missão, descreve o empenho do sacerdote para não a entregar ao exército.

«Aquilo de que ainda me lembro é de que os indonésios queriam obrigar o Padre Nácher a ficar com uma companhia nos edifícios da Missão. Eles tentaram ficar, mas Nácher nunca os deixou. Nunca quis entregá-la.»¹²

A mesma fonte descreve assim o trabalho evangelizador desenvolvido por Nácher:

«Naquele tempo, quando descíamos do mato já ouvimos que eles tinham uma lei, um princípio, que exigia que cada um escolhesse uma das cinco religiões. Como a igreja católica já conhecia o modo de actuar dos muçulmanos e dos indonésios, então os missionários juntaram todos os gentios, velhos e velhas, de cinquenta, de sessenta, e baptizaram-nos a todos. Fizeram isso o Padre Alfonso e o Padre Luis de Preto a partir do ano de 1979.

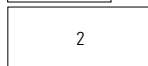
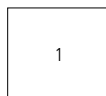
O meio era o seguinte: eles explicaram aos timorenses, aos gentios desta zona de Fuiloro, ensinaram a doutrina em todos os parques de campismo, em todas as aldeias, depois levaram-nos à igreja e baptizaram-nos aí. Eu conheço a cerimónia porque naquela altura eu tinha 18 ou 19 anos, e já tinha sido aluno do colégio de D. Bosco em Fuiloro. De cada vez baptizavam numa aldeia setenta ou oitenta pessoas. Todas juntas. Fizeram grandes cerimónias. Os sacramentos eram dados todos num só momento. Primeiramente o baptismo, segundo a primeira comunhão. Também baptizavam os filhos e netos dos que iam entrar.»¹³

Com mais de setenta anos, Nácher tinha deixado crescer a barba pela primeira vez na sua vida. Uma barba longa e branca pela qual seria conhecido pelos residentes em Lospalos como *Oleu Pitine* —barba branca em língua fataluku. Nunca chegaria a cortá-la:

«Só quando os indonésios invadiram Timor é que o Padre deixou crescer a barba. Antes da invasão, quando Timor estava normalizado como colónia de Portugal, nunca a tinha deixado crescer. Só quando os indonésios invadiram Timor-Leste e o povo de todo o território saiu para o mato é que Nácher deixou crescer a sua barba branca.»¹⁴

Em Dezembro de 1982, após três anos de intensa tarefa, Nácher voltou a tomar conta da Escola de Fatumaca. Aí exerceria novamente como director durante um primeiro triénio entre 1983 e 1986, tendo o seu cargo sido renovado até 1986 e posteriormente para um último triénio até 1989.

Durante este período coincide com outro dos personagens que teriam de se converter em protagonistas da história recente de Timor-Leste. Em 1981 Carlos Filipe Ximenes Belo, que em 1996 seria reconhecido juntamente com José Ramos-Horta com o Prémio Nobel da Paz, chegou a Fatumaca como Mestre de Noviços. Aí permaneceria, juntamente com o padre espanhol, durante quase dois anos.

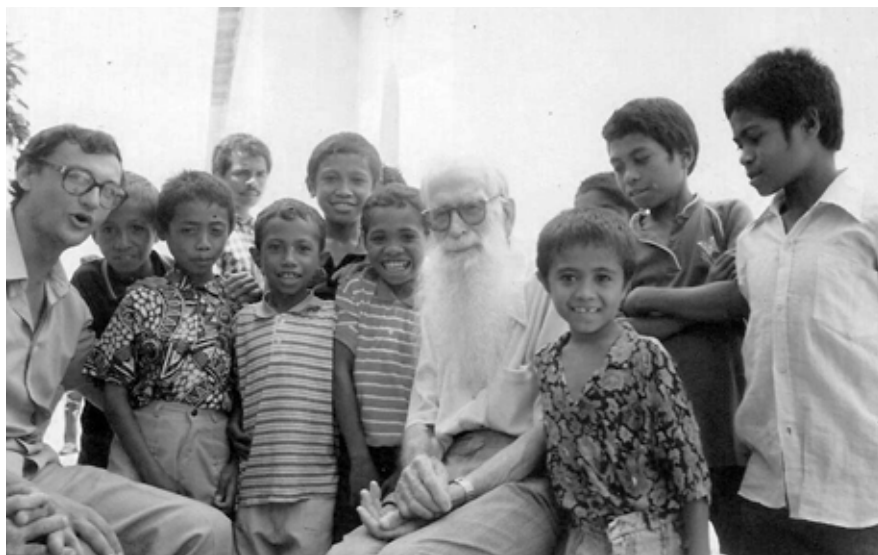


1. Comunidade salesiana em Fatumaca em 1986. Náchér, segundo a contar da esquerda. Arquivo salesiano de Comoro.

2. Náchér com equipas desportivas de Fatumaca. CdFC.



12. Entrevista a Gil da Cruz. Fuioloro 17 de Abril de 2012. **13.** Entrevista a Gil da Cruz. Fuioloro 17 de Abril de 2012. **14.** Entrevista a Gil da Cruz. Fuioloro 17 de Abril de 2012. **15.** Entrevista a Justino Valentin Cailoru. Lospalos 17 de Abril de 2012.



Com alunos de Fatumaca nos anos '90. Arquivo salesiano de Comoro.

Nácher aproximava-se dos 80 anos e ia deixando responsabilidades no trabalho diário para se centrar no papel de confessor da comunidade salesiana. Timor continuava a sua agitada história, e chegámos a 24 de Maio de 1992. Alfonso María celebrou o seu octogésimo sétimo aniversário e os seus sessenta anos como sacerdote. Na escola de Fatumaca recebeu um presente, das mãos do que tinha sido o seu ajudante e catequista em Fuiloro, Justino Valentin Cailoru: uma cópia dactilografada do original manuscrito do seu léxico Fataluku-Tétum-Makasae-Português.¹⁵

Já ancião, o padre Alfonso María Nácher, faleceu em Fatumaca em 11 de Maio de 1999, com 93 anos. Alguns meses depois, em 30 de Agosto, Timor-Leste realizaria o referendo que o levaria à independência.



Sepultura do P. Alfonso Nácher em Fatumaca. Efrén Legaspi.

BIBLIOGRAFIA

- Antunes, J.** (2010). "Entrevista. Padre João de Deus". *Boletim Salesiano*. Retrieved June 25, 2012, from <http://www.salesianos.pt/public/UserFiles/Downloads/bsmajun10.pdf>
- Bianco, E.** (1981). "Protagonisti-Padre Alfonso Nácher Missionario a Timor". *Bollettino Salesiano*. Retrieved June 25, 2012, from <http://biesseonline.sdb.org/bs/1981/198114.htm>
- Mattoso, J.** (2005). *A Dignidade: Konis Santana e a Resistência Timorenses*. Lisboa: Temas e Debates.
- Nácher, A.** (1975). "A obra salesiana em Timor". *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau, LXXIII* (843), 161-186.
- Nácher, A.** (2003). "Fataluco-Português: Primeira Parte (Introdução e edição de Geoffrey Hull)". *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, 5, 135-196.
- Nácher, A.** (2004). "Léxico Fataluco-Português (Parte Segunda)". *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, 6, 119-177.

ENTREVISTAS

P. João de Deus. Lospalos, 14 de Abril de 2012.

P. João de Deus. Lospalos, 17 de Abril de 2012.

Gil da Cruz. Fuiloro, 17 de Abril de 2012.

Justino Valentim Cailoru. Lospalos, 17 de Abril de 2012.

Eligio Locatelli. Fatumaca, 29 de Abril de 2012.

OUTRAS FONTES CONSULTADAS

Crónica da Missão de Fatumaca. Agosto de 1973 — Setembro de 1975 (CdFC). Arquivo Salesiano de Dom Bosco, Comoro.

Crónica da Missão de Santa Teresinha de Ossu. (sem data). Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.

Crónica da Missão de Fuiloro. Novembro de 1968 — Março de 1974 (CdFL). Arquivo Salesiano de Dom Bosco, Comoro.

Padilla, Fr. Ramoncito A. (1999) Nota biográfica sobre Alfonso Nácher. Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.

Gonçalves, P. Antonio (1999) *P. Alfonso Nácher*. Carta aquando do falecimento de Nácher em 1999. Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.

Relatório do Colégio de Nossa Senhora de Fátima, Fatumaca (1961). Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.

Nácher, A. (sem data). *Ficha pessoal*. Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.

——— (27/12/73). *Carta ao Director da Cáritas Internacional*. Arquivo Salesiano de Fatumaca, Baucau.